

AULA 1 - A GRAMÁTICA EM QUESTÃO: HISTÓRIA, CONCEITOS E ENSINO

Tutora: Ariana de Carvalho

Histórico das gramáticas

-Hindus (I milênio a.C.)- primeiras descrições linguísticas. Sânscrito (língua sagrada)

-Panini - “gramático” hindu mais conhecido: descrição dos sons, representação das sílabas > conhecimento aprofundado do funcionamento do Sânscrito.

OS Gregos e os Romanos

-Platão (428 a.C.) e Aristóteles (384 a.C.): curiosidade sobre a origem da língua e a diversidade linguística > reflexão filosófica > a linguística como ramo dependente da filosofia.

-**Platão** - *Crátilo*: questões linguísticas relacionadas principalmente à origem da língua; as palavras refletem a realidade.

-Aristóteles: o significado das palavras é algo convencional (acordo entre os homens).

**Desenvolvimento da análise do grego em todos os níveis, culminando com a elaboração de gramáticas.

Dionísio de Trácia (II a.C): autor da 1ª Gramática Grega.

-Primeira descrição ampla e sistemática publicada: descrição de oito partes do discurso- artigo, nome, pronome, verbo, particípio, advérbio, preposição e conjunção.

-Para ele: gramática era o conhecimento prático de uso da língua pelos grandes escritores de prosa.

Nesse momento a gramática já era uma disciplina independente da lógica e da filosofia.

-A gramática de Dionísio da Trácia: ênfase à flexão das palavras gregas e pouca atenção à sintaxe.

Finalidade pedagógica: contemplação da literatura grega clássica.

Apolônio Díscolo (século II a.C): formulou a primeira teoria sintática; foi o único gramático antigo que escreveu uma obra completa e independente sobre sintaxe
> frase se assenta em 2 elementos fundamentais: SUJEITO e PREDICADO.

Os filósofos não fizeram gramática, apenas criaram doutrinas. Apenas no período helenístico, com os gramáticos alexandrinos, a gramática tornou-se uma disciplina independente.

-Grande repercussão no oriente grego, chegando tardiamente ao Ocidente da Europa, através dos gramáticos latinos (buscaram reflexões dos gregos para estudar o latim).

Idade Média

-Os gramáticos latinos foram modelo durante toda a Idade Média.

-As gramáticas latinas - primeiras a serem sistematizadas para o ensino de uma língua estrangeira (Latim).

-Países de matriz românica - o estudo das línguas vernáculas feito a partir de gramáticas escritas em Latim.

Em Portugal: primeiras gramáticas do Português

1536 - Gramática da Linguagem Portuguesa, Fernão de Oliveira.

1540- Gramática da Língua Portuguesa, João de Barros.

O Renascimento

- Desenvolveu-se, de forma sistemática, o estudo das línguas particulares.
- Os gramáticos começaram a examinar as características que distinguiam as línguas entre si.
- Incremento do ensino da leitura e da escrita em vernáculo. ** Surgimento das primeiras cartilhas (Século XVI).
- XVIII- com o apoio do Marquês de Pombal floresceu a importância da aprendizagem do Português nas escolas básicas.
- Luís Antonio Verney com “Verdadeiro método de estudar para ser útil à República e à igreja (1746) - é necessário aprender gramática como base para outros estudos.

Refletindo

[...] uma coisa é saber a língua, isto é, dominar as habilidades de uso da língua em situações concretas de interação, entendendo e produzindo enunciados adequados aos diversos contextos, percebendo as dificuldades entre uma forma de expressão e outra. Outra coisa é saber analisar a língua, dominando conceitos e metalinguagens a partir dos quais se fala sobre a língua, se apresentam suas características estruturais e de uso. (Geraldi, 2002:89)

- ▶ Leitura e discussão da crônica: “ Não pise a grama”

Não pise a grama

(Parrião Jr)

Com seus pisantes 38 tocou o solo palmense perseguindo, em largos passos, uma quimera. Terra Nova, nova gente em busca de sonhos e utopias, cada um caminhando a procura de coisa qualquer.

Marchando rumo a um cursinho, desses preparatórios para tudo (acho que até para casar eles preparam), foi se matricular com a intenção de aprender a passar em concurso público. Ser funcionário do governo era seu maior desejo.

Aquela velha mania de ler tudo que ver quase o deixou espezinhado. Leu, certa vez, uma placa no jardim daquele estabelecimento de ensino que dizia assim: “não pise na grama”, seu cérebro, intrinsecamente, logo processou: se foram eles que escreveram está certo.

Para seu espanto caiu na prova do concurso justamente sobre o verbo pisar, estava lá na questão: observando a gramática normativa qual é a resposta certa? a) Não pise na grama; b) não pise à grama; c) não pise a grama. Essa é moleza! Pensou logo. Lembrando da placa no jardim do cursinho a escolha certa foi, então, não pise na grama.

Mas quando veio o resultado, imagine qual foi a surpresa, perdeu a vaga por um ponto. Revoltado pôs os pés em direção ao educandário para fazer a correção da prova. Chegando lá, pasmo ficou, quando percebeu que havia errado exatamente a questão em tela.

- Mas como! Tá na placa lá fora o certo é não pise na grama ou será que pisei foi na “grama - tica”?

O sujeito respirou fundo, tomou um bom gole d'água e ouviu a explicação do professor:

- O verbo pisar é transitivo direto, ou seja, exige complemento sem preposição alguma: Não pise a grama é a maneira certa de se usar essa frase.

- Professor, a placa lá fora ta errada?

- Não! Sim! É! Talvez! - Se olhar pelo ponto de vista da gramática normativa está errado a forma que foi escrito na placa.

- Normativa! E tem outra?

- Sim, a gramática se fosse colocada num prisma, como um raio de luz sairia várias ramificações: gramática descritiva, gramática gerativa, gramática gerativo-transformacional, gramática histórica, gramática normativa, gramática pedagógica, gramática prescritiva, gramática tradicional, gramática transformacional e universal.

- Então como justificar a placa lá fora?

- Modernamente, porém, se aceita o uso de pisar com a preposição em Não pise na grama, então, tem sido aceito por alguns gramáticos e dicionários brasileiros.

- Mas para concurso, tá errado?

- Sim, no seu caso foi considerado.

Pelo que fiquei sabendo o sujeito bateu em retirada, nunca mais pisou a grama daquele estabelecimento, soube-se dele em outras terras dantes pisadas.

- Entre os gregos e os romanos, gramática significava Ciência Gramatical : conjunto de prescrições e regras que determinam o uso considerado correto da língua.
- Mas o significado de gramática evoluiu, juntamente com a ciência linguística.
- A partir do século XX - Linguística Estruturalista: ênfase à gramática descritiva das línguas, relativizando o papel da gramática normativa. Língua-padrão (considerada como uma das variedades da língua).
- No Brasil, herdamos uma tendência a valorizar em demasia a chamada gramática normativa. Crítica dos linguistas.
- Linguistas modernos X gramáticos conservadores.

-Crítica dos linguistas à gramática normativa considera dois fatos:

1-Cultura escolar: distorção- confunde ensino de línguas com memorização de regras gramaticais;

2-As normas prescritivas não consideram a evolução das línguas ao longo do tempo e da história.

-Algumas gramáticas normativas mais modernas já estão incorporando informações fornecidas por estudos linguísticos descritivos >> Seria desejável que as gramáticas normativas contemplassem o conceito de adequação.

Tipos de Gramática- Livro Por que (não) ensinar gramática na escola? (Possenti, 1996):

- Normativa;
- Descritiva;
- Internalizada

Gramática Normativa (atualização do conceito de Dionísio de Trácia):

“[...] conjunto de regras que devem ser seguidas, com o objetivo de falar e escrever corretamente. Um exemplo de regra desse tipo é o que diz que o verbo deve concordar com o sujeito” (POSSENTI, 1996,p. 34)

Travaglia (2002) afirma que a gramática normativa é aquela que estuda apenas os fatos da língua padrão, da norma culta de uma língua. Essa gramática é uma espécie de lei que regula o uso da língua em uma sociedade.

- Pautada na escrita das pessoas cultas e de prestígio.

Gramática Descritiva:

[...] um conjunto de regras que são seguidas, cuja preocupação é descrever ou explicar as línguas como elas são faladas” (POSSENTI, 1996,p. 35).

A principal preocupação é tornar conhecidas as regras utilizadas pelos falantes.

Travaglia (2002), por sua vez, afirma que a gramática descritiva é a que descreve e registra, para uma determinada variedade da língua, um dado momento de sua existência (portanto, numa abordagem sincrônica).

A língua é um sistema de signos, fenômeno social, passível de descrição e sujeita às variações históricas, sociais e culturais.

Exemplo: -evolução semântica da palavra “rapariga” e “irado”

-evolução fonética da expressão “vamos em boa hora?” para “Vamos embora?”

Gramática implícita ou internalizada:

É o conhecimento lexical e sintático-semântico que o falante possui e que permite que ele entenda e produza frases em sua língua.

A existência de uma gramática internalizada pode ser observada por um fato linguístico: o primeiro é a criança produzir formas não usadas por falantes adultos. Por exemplo, é comum a criança utilizar a conjugação dos verbos regulares (comi, escrevi) para os verbos irregulares (fazi, trazi). >> indicativo de que a criança possui uma regra internalizada para o uso de verbos.

De acordo com Luft (1994): a gramática internalizada se inicia na mente do falante por volta dos três anos e aos seis anos já está mais consolidada.

Gramática explícita ou teórica:

Representada por todos os estudos linguísticos que buscam explicitar a estrutura, constituição e funcionamento da língua.

Gramática reflexiva:

Parte das evidências linguísticas para tentar dizer como é a gramática implícita do falante.

Gramática contrastiva:

Analisa duas línguas ao mesmo tempo.

Gramática geral:

Procura elaborar princípios a que todas as línguas obedecem.

Exemplo: todas as línguas têm vogais. (PERINI, 1976).

Gramática universal:

semelhanças entre as línguas; características linguísticas comuns a todas.

Gramática histórica:

analisa a história evolutiva da língua

"Erro" de gramática

"Pilhei a senhora num erro!", gritou Narizinho. "A senhora disse: 'Deixe estar que já te curo!' Começou com o Você e acabou com o Tu, coisa que os gramáticos não admitem. O 'te' é do 'Tu', não é do 'Você'".

"E como queria que eu dissesse, minha filha?"

"Para estar bem com a gramática, a senhora devia dizer: 'Deixa estar que já te curo'."

"Muito bem. Gramaticalmente é assim, mas na prática não é. Quando falamos naturalmente, o que nos sai da boca é ora o você, ora o tu; e as frases ficam muito mais jeitosinhas quando há essa combinação do você e do tu. Não acha?"

"Acho, sim, vovó, e é como falo. Mas a gramática..."

"A gramática, minha filha, é uma criada da língua e não uma dona. O dono da língua somos nós, o povo; e a gramática – o que tem a fazer é, humildemente, ir registrando o nosso modo de falar. Quem manda é o uso geral e não a gramática. Se todos nós começarmos a usar o tu e o você misturados, a gramática só tem uma coisa a fazer..."

Eu sei o que é que ela tem a fazer, vovó!", gritou Pedrinho. "É pôr o rabo entre as pernas e murchar as orelhas..."

Dona Benta aprovou. (...)

(Monteiro Lobato. Obra Completa. "Fábulas", São Paulo, Editora Brasiliense)

Pronominais

Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido
Mas o bom negro e o bom branco
Da Nação Brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro.

Oswald de Andrade ANDRADE, O. Obras completas, Volumes 6-7. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

Gramática Tradicional: divisão

-Três partes: fonética e fonologia, morfologia e sintaxe.

1-Fonética e fonologia - estudo do som: descrição e classificação de fonemas, pronúncia correta, posição correta dos acentos, escrita correta.

2-Morfologia - estudo das formas das palavras: classificação das palavras, estrutura e formação das palavras, flexão das palavras.

3-Sintaxe – estudo da construção das frases: sintaxe das funções, emprego das palavras nas frases, função das palavras nas frases, relação entre palavras.

Referências bibliográficas

GERALDI, J.V. (org.). O texto na sala de aula. 3. ed. São Paulo: Ática, 2002

POSSENTI, S. Por que (não) ensinar gramática na escola. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

TRAVAGLIA, L. C. Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2002.